

O ensino das práticas corporais na escola

A literatura especializada tem destacado o papel da educação escolar na construção de uma sociedade menos desigual. A esse respeito parece haver algum consenso de que o primeiro passo seja o de colocar em ação uma pedagogia que possibilite às crianças compreenderem o mundo à sua volta para que possam imprimir mudanças nas formas de relacionamento existentes.

Os professores e estudiosos simpáticos à ideia passaram a desenvolver, experimentar e avaliar propostas em todas as áreas presentes no currículo escolar. Com a educação física não foi diferente. Mediante contribuições da sociologia, antropologia, história, filosofia, política, semiótica e, mais recentemente, dos estudos culturais, a antiga preocupação com a aprendizagem dos movimentos foi substituída pela tematização da cultura corporal. De forma bastante sintética, a cultura corporal é uma parcela da cultura mais ampla que abarca todos os conhecimentos e representações² relativos às práticas corporais.

Práticas corporais, por sua vez, são os produtos da gestualidade sistematizada com características lúdicas, isto é, as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. Logo, fazem parte da cultura corporal desde as regras da amarelinha até o desenho tático do futebol, passando pelas técnicas do balé, a história do judô e os nomes dos aparelhos de ginástica. Também compõem esse repertório a noção do espor-

² As representações abarcam as práticas de significação e os sistemas simbólicos que dão origem aos significados, posicionando cada pessoa como sujeito. São os significados produzidos pelas representações que conferem sentido às experiências humanas.

te como meio de ascensão social das camadas desprivilegiadas, a utilização da ginástica para aquisição de uma determinada estética corporal, a brincadeira como atividade restrita às crianças, entre tantos outros significados em circulação.

Na escola, o trabalho pedagógico com as práticas corporais objetiva, principalmente, auxiliar as crianças a analisá-las, significá-las³ e produzi-las, pois, afinal, constituem-se em textos elaborados pela linguagem corporal. A contribuição que isso pode oferecer para o entendimento da sociedade atual consiste, exatamente, na leitura dos significados e na compreensão das representações que os diferentes grupos sociais veiculam através da sua cultura do corpo, bem como na ampliação das possibilidades e formas de expressão corporal das crianças.

Aqui se está rompendo com a noção psicológica que explica o movimento como resultado de estímulos neurais, para entendê-lo como portador de significados culturais. Nesse caso, o termo mais adequado seria “gesto”. Aliada às demais formas de expressão, é pela gestualidade que as pessoas socializam seus sentimentos, emoções e visões de mundo. O gesto é um signo. É o menor elemento da gramática produzida pela linguagem corporal. Organizados de forma sistemática, os gestos configuram as práticas corporais, que nada mais são do que artefatos culturais.

Na acepção dos Estudos Culturais, cultura é toda e qualquer ação social que expressa ou comunica um significado, tanto para quem dela participa quanto para quem a observa. Ou seja, o ato de significação é pura produção cultural. Cada atividade social cria ao seu redor um universo próprio de significados, isto é, a sua própria cultura. Assim entendida, a cultura constitui-se em meio às relações sociais nas quais

³ Trata-se do processo de atribuição de significados que qualquer sujeito faz mediante a leitura de um texto cultural.

grupos e pessoas disputam o significado que será conferido às coisas do mundo. Portanto, a cultura é um território de lutas por significação.

O território da cultura não é fechado nem compartimentado. Ele se esparrama para além das fronteiras, onde outras significações se tocam e se entrecruzam. É justamente nas fronteiras que ocorre toda a ação dinâmica pela imposição ideológica de significados. Isso quer dizer que os grupos culturais lutam pelo controle do que é posto em circulação, influenciando a forma do sujeito entender e intervir na realidade.

O mesmo acontece com a cultura corporal. Trata-se de um terreno de conflitos expresso na intencionalidade comunicativa dos gestos que caracterizam as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. Veja-se o caso da capoeira. Há bem pouco tempo era desqualificada como ação social e reduzida a uma pequena parcela marginalizada da população. A prática era proibida, seus gestos eram tidos como violentos e os capoeiristas vistos como pessoas desprovidas de valores. Em tais circunstâncias, a presença desse artefato cultural na escola era algo inadmissível.

Na arena de lutas pela imposição de sentidos, a capoeira foi mantida por muito tempo à margem da sociedade. Estar à margem é estar permanentemente na fronteira, e os elementos aí situados contribuem para desestabilizar a cultura central. À medida em que disputas simbólicas foram travadas, não só a capoeira como também o grupo social que a produziu passaram a ser entendidos de outra maneira. Hoje, a capoeira é símbolo da identidade nacional e sua prática penetrou em ambientes como a escola, clubes e academias da elite. Como forma de expressão de um povo, a capoeira ganhou mais do que um espaço de atuação; propiciou uma ação política da cultura negra. Essa movimentação permanente no jogo do poder cultural caracteriza a maior parte das práticas corporais.

Os problemas gerados pela convivência social podem ser identificados na cultura corporal de todas as sociedades. Cada grupo social atribui sentidos e significados diferentes às práticas corporais em conformidade com o contexto no qual se criam e recriam. Para ilustrar, vale a pena comparar a capoeira a uma luta japonesa como o judô. É fácil perceber que ambas traduzem diferentes filosofias por meio da gestualidade que as caracteriza.

A análise do percurso histórico de uma determinada prática corporal permitirá constatar que suas transformações decorreram das demandas sociais. Na Idade Média as cantigas de roda apresentavam-se como ocasião para flertes e galanteios entre jovens e adultos, mas com o tempo, passaram a ser vistas como elementos da cultura infantil. Algo semelhante aconteceu com o jogo da amarelinha, a queimada e tantas outras brincadeiras populares.

É por meio de suas produções que as pessoas estabelecem uma relação comunicativa com a sociedade. Isso implica o entendimento dos artefatos culturais como textos passíveis de leitura e significação. Assim, as práticas corporais podem ser compreendidas como meios de comunicação com o mundo, constituintes e construtoras de cultura. Cada qual é uma produção textual da linguagem corporal a ser analisada e significada. É o que torna impossível adjetivar, mensurar ou comparar práticas corporais pertencentes a grupos sociais distintos. Enquanto produtos culturais, precisam ser vistas, antes de qualquer coisa, como um fator de identidade cultural.

Sob este prisma, não existem técnicas melhores ou piores, a não ser que se tome como referência um único modelo, atitude que não condiz com a atual sociedade multicultural. Cabe à instituição educativa organizar e desenvolver situações didáticas que possibilitem uma profunda compreensão sócio-histórica

e política do patrimônio cultural corporal disponível, visando alcançar uma participação crítica, intensa e digna na esfera pública por todos os sujeitos.

Em um contexto marcado pela diversidade, uma pedagogia que se avenge democrática tem que proporcionar condições para romper com o circuito perverso que, ao impor padrões, exclui os corpos diferentes e, ao tentar alcançar as referências hegemônicas, fracassa em função da diversidade que coabita a sala de aula. Portanto, ganha relevância uma ação educativa que analise as relações de poder que posicionam determinadas práticas corporais como legítimas em detrimento de outras.

É o que nos leva a defender uma Educação Física culturalmente orientada, por meio da qual os sujeitos terão oportunidade de analisar, ampliar e conhecer mais profundamente o próprio repertório cultural corporal, como também acessar os códigos de comunicação utilizados por diversas culturas, por meio da variedade de práticas corporais existentes.

Compreender o contexto histórico da gênese e a transformação das práticas corporais que as crianças vivenciam na cultura paralela à escola, por exemplo, permitirá elucidar as relações sociais que determinam sua estrutura, os aspectos que escondem e suas formas de regulação. Uma ação didática organizada segundo esse princípio possibilitará uma leitura crítica dos modos como determinados grupos definem a realidade e como outros procuram resistir. Propõe-se aqui, portanto, duas ações pedagógicas complementares: a leitura da prática corporal, a fim de que as crianças possam significar seus códigos constituintes, bem como sua produção no interior da escola, para que possam conferir-lhe novos sentidos.

O trabalho pedagógico com as práticas corporais parte do princípio de que a criança, desde bem pequena, possui infinitas possibilidades para o desen-

volvimento de sua sensibilidade e expressão. Dentre os objetivos da tematização das práticas corporais, destacam-se a compreensão e o respeito às diferenças e, também, o reconhecimento da diversidade individual e grupal. É importante que o sujeito participe de atividades nas quais possa ver, reconhecer, sentir, experienciar e imaginar as diversas práticas corporais e atuar sobre elas. É fundamental que ele também conheça as produções de diferentes épocas e locais, tanto as pertencentes à cultura popular quanto as consideradas da cultura erudita.

A ação didática com a cultura corporal também inclui a socialização e a memória das práticas corporais pertencentes a outros grupos sociais. O elemento essencial é o respeito às culturas. Para tanto, é necessário que os educadores sejam capazes de, empaticamente, fazer a leitura das linguagens infantis, colocando-se corporalmente disponíveis para compreender seus sentidos e significados. Isso passa pela superação de algumas barreiras culturalmente impostas e que contribuíram para a configuração de uma cultura adulta que repele a brincadeira, o toque e a sensibilidade corporal.

Para uma pedagogia culturalmente orientada, é preciso assegurar a realização de atividades variadas: relatos orais e escritos, demonstrações, vivências corporais, rodas de conversa, experimentação, acesso a vídeos, ritmos, músicas, entrevistas, depoimentos, análise de imagens, fotografias, visitas aos locais onde as práticas corporais ocorrem etc.

É importante, também, que o cotidiano seja pleno de atividades de produção, tais como verbalização das opiniões, socialização das descobertas, organização de apresentações para os colegas da turma, escola ou comunidade, a comunicação de informações obtidas no interior da instituição educativa ou fora dela, entre outras. Ao lado disso, os sujeitos devem

ser encorajados a pensar, discutir e conversar sobre as práticas corporais, com a intenção de transcender os conhecimentos e representações já disponíveis.

Finalmente, sugere-se a organização de atividades pedagógicas que ampliem o patrimônio cultural corporal das crianças. Não se trata, portanto, de simplesmente reproduzir as práticas aprendidas na família, comunidade e mídia ou no interior da escola. Ao experimentá-las, conversar sobre elas, procurar compreendê-las, compará-las com outras já conhecidas e descobrir um pouco mais da sua história e das trajetórias dos grupos que as produziram e reproduziram, os saberes iniciais serão revistos, ampliados e aprofundados pela ação cuidadosa e atenta do professor.